

# **NARRATIVAS INFANTIS: POSSIBILIDADES E AMPLIAÇÕES DE LEITURA**

CABRAL, Maria das Graças  
Escola Municipal Frei Manfredo

FARIAS, Norma Lee Pereira de  
Escola Municipal Anésio Leão

MOUZINHO, Wamberto Nunes Soares  
Escola Municipal Anésio Leão

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo ampliar a discussão sobre a importância das narrativas infantis para as crianças em processo de aprendizagem da leitura, a partir de uma experiência realizada na Escola Municipal Anésio Leão, localizada no município de Campina Grande-PB, com a obra “A casa sonolenta”, de Audrey Wood. Para efetivação do referido trabalho, tivemos como objetivos: propiciar aos educandos uma aproximação com o gênero narrativa, fortalecendo o hábito e prazer da leitura, despertando-os para o universo mágico e encantador das narrativas e favorecer o interesse por outras narrativas. Delimitamos o trabalho como um estudo qualitativo, o qual nos possibilitou a oportunidade de intervir e verificar os excelentes resultados por meio da observação e interação com os educandos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas- Leitura- Aprendizagem

## **INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas, o tema leitura tem sido objeto de reflexões em livros e revistas especializadas, em seminários e congressos, de modo que, no contexto da educação brasileira, se convencionou a busca incessante de alternativas que possibilitem o hábito e o prazer pela leitura. Dentre estas, destacam-se as narrativas infantis como instrumento facilitador da aprendizagem pelo aspecto lúdico que o gênero proporciona.

É indiscutível a importância para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor competente e reflexivo, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta de compreensão do mundo.

Nesse sentido, interessa-nos apresentar uma experiência de leitura com a narrativa “A casa sonolenta”, de Audrey Wood, vivenciada com uma turma de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Anésio Leão, localizada na cidade de Campina Grande-PB, conduzida mediante a realização de trabalhos orais, produções escritas feitas pelos alunos, expressando suas formas de ser e pensar a cerca da magia e encanto que a narrativa provoca em cada leitor.

Para fundamentar nosso trabalho, apresentaremos, de forma clara, a importância das histórias como uma das tradições mais antigas da humanidade, ressaltaremos as espécies de narrativas infantis, bem como, a narrativa oral no contexto escolar, com vistas à formação de leitores que, na fase inicial, necessita do incentivo do professor para promover o encontro do leitor com o texto e com o mundo.

Por fim, descreveremos uma experiência pedagógica de leitura da obra “A casa sonolenta”, de Andrey Wood, envolvendo práticas de leituras orais, escritas, dramatizações, desenhos, pinturas, dentre outras atividades.

### **Importância da literatura oral: uma viagem no tempo**

Contar histórias para crianças, ainda que seja ao redor de fogueiras, em noites de Lua cheia, é proporcionar ao imaginário infantil o ingresso num mundo fantástico, em parceria com bruxas, fadas, mulas-sem-cabeça, sacis e toda sorte de seres encantados que habitam o mundo desde a sua criação. Com que gosto ouvíamos, de nossas mães e avós, histórias que, a despeito de todo medo que pudessem provocar, nos transportavam para mundos longínquos, permitindo que muitas vezes chegássemos a sentir desde o calor da fogueira que queimava a bruxa malvada da história de João e Maria até o beijo do príncipe que despertava a Bela Adormecida.

Histórias de lobisomens, de fantasmas, de noivas abandonadas à porta da igreja e que vinham assombrar os casamentos eram bastante frequentes quando a vizinhança se reunia nos portões para um “dedo de prosa”. Gente de todas as idades se encantava com as histórias contadas que, além de promover o encontro entre as pessoas, propiciava momentos de grande prazer.

O hábito de contar histórias é muito antigo e fundamental para alguns povos. Na Idade Média, por exemplo, além do mero divertimento, os camponeses, através dessas histórias, passavam a habitar um mundo ao contrário, de suntuosos palácios, com as mais finas iguarias e as mais belas princesas. Nessas histórias, o ócio, a abundância alimentar e o luxo podiam ser experimentados pelos camponeses que na rotina diária enfrentavam árduos trabalhos, muita fome e condições precárias de moradia.

O conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até

o dia em que antropólogos folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fossem através da escrita ou outras tecnologias. Existem várias antologias que abordam esta literatura oral. Em diversos países aparecem nomes-chaves, responsáveis por trazer até nós as histórias, costumes, valores e crenças do povo em questão. (...). (BUSSATO, 2003).

Alguém, num tempo remoto, os teria imaginado e os perpetuado através da oralidade. Quanto mais as pesquisas foram se aprofundando, mais perto de uma resposta fomos chegando, e tudo leva a crer que os caminhos não chega no oriente, berço das mil e uma noites e tantas outras histórias.

Se partirmos do princípio que os contos surgiram de uma necessidade intrínseca do homem em explicar a sua origem e a origem das coisas, dotando de significados a sua existência, então podemos pensar que estas criações da imaginação humana coincidem com a primeira categoria conhecida do ser humano, o chamado Homo Sapiens. (...)

Nas Idades Média e Moderna, havia pessoas que se encarregavam de contar histórias; eram as contadoras oficiais. Por volta do século XVII, alguns cegos punham anúncios oferecendo-se como contadores para os nobres.

Os alfaiates, os pastores, as costureiras, as amas de leite, os lenhadores, os marujos e os cesteiros em geral conheciam muitas histórias e desempenhavam a função de contadores. Essas histórias eram preservadas pela tradição oral, uma vez que o povo não sabia ler nem escrever, o que no, entanto em nada atrapalhava na criação de histórias belíssimas.

Charles Perrault, intelectual e uma espécie de ministro das artes do século XVII na França se encarregou de recolher as histórias que o povo contava e reuni-las em uma coletânea intitulada Contos da mãe gansa ou Contos do tempo passado. Perrault por ser bastante comprometido com o regime político da época e por frequentar o Palácio de Versalhes, modificava em muito as histórias recolhidas, adaptando-as ao gosto da nobreza. Histórias como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, as Fadas e outras tantas foram recolhidas neste século e até hoje encantam ouvintes do mundo inteiro.

No Brasil, além da tradição indígena, as histórias foram chegando de toda parte, trazidas pelos portugueses, africanos, espanhóis e por toda gente que aqui

chegava. Histórias de trancoso, da carochinha, de Pedro Malasartes, histórias de assombração eram contadas ao cais da noite nos mais diferentes recantos do país.

Segundo Bussato (2003), a literatura oral sofreu alterações, como acréscimo de informações relativas à época e aos valores da comunidade onde era narrada, à omissão de detalhes que para aquele narrador eram insignificantes. Não podemos esquecer que o contador de histórias sempre incluía elementos muito pessoais ao conto, e com isso o transformava em matéria viva adaptada às necessidades dos seus ouvintes.

Somente no último século é que esta literatura começou a ser estudada com mais rigor. A oralidade passou a ser vista como uma categoria literária merecedora de pesquisas mais sistemáticas, e no início do século XX Milman Parry (1902-1935) revelou ao mundo que Iliada e Odisseia, de Homero, considerados a primeira literatura escrita do Ocidente, eram na verdade, originalmente, poemas orais, e que forma transcritos para a escrita “em algum ponto entre 700 e 550 a.c” (Havekich, 1996).

## **Narrativas infantis**

As narrativas infantis abrangem várias espécies literárias, que podem ser agrupadas, quanto à origem em folclóricas e artísticas. Na primeira, incluem-se as histórias criadas coletivamente pelo povo em diferentes épocas, como fábulas, contos populares, lendas e contos de fadas tradicionais. Na segunda, estão as obras escritas por autores identificados nominalmente, abrangendo contos de fadas modernos, textos infantis que, por sua brevidade, simplicidade de enredo e relação estreita entre discurso e imagem, é denominados histórias curtas e narrativas formadas somente por imagens.

## **Fábula**

Segundo Saraiva (2001, p.43), “a fábula em sentido amplo, pode ser definida como uma narrativa curta com ações protagonizadas por vegetais, objetos, animais e seres humanos, que, apresentando uma moral implícita ou explícita, tem como função divertir e instruir”. Sua estrutura divide-se em duas partes: (1) a narrativa, também chamada de corpo, em que se revelam as ações realizadas pelos seres acima citados e, (2) a moral, denominada de alma, que explicita o ensinamento pretendido. A fábula apresenta um discurso alegórico resultante da harmonia das duas partes de sua estrutura. Dessa forma, a leitura de obras “O cordeiro e o lobo”, de La Fontaine,



evidencia como o ingênuo e o inocente pode tornar-se presa fácil de preponente; “A raposa e as uvas”, também de La Fontaine, mostra o ridículo de presunção; “O lobo e o grou” e “O lobo e o cão”, de Esopo, ensinam, respectivamente, que não se deve esperar recompensa de homens maus e que a liberdade do ser humano tem valor.

## **Lenda**

A lenda mostra o assombro do homem primitivo e o seu temor diante do mundo. Essa modalidade literária reflete o pensamento infantil da humanidade, ou seja, o momento em que o homem, diante de acontecimentos que não compreendia, os quais envolviam agentes e fenômenos da natureza, e comportamentos adotados pelos indivíduos, explicava-os através de narrativas. Essa modalidade literária pode ser definida, então, como a narrativa que explica o surgimento de algo do universo. Ensina e fixa costumes e crenças de determinada região. Sua explicativa e normativa faz que os povos, ao longo de sua história, preservem seus relatos, transmitindo-os através da oralidade de geração a geração.

## **Contos populares**

Assim como as lendas e as fábulas têm sua origem no folclore, muitos contos também procedem de fonte popular. Cristalizando na tradição oral dos povos, através da memória de consecutivas gerações, o conto popular é um agente de transmissão de valores éticos, conceitos morais, modelos de comportamento e concepções de mundo. Contudo, sua função não se restringe somente a esse aspecto educativo ou doutrinador, pois as situações vividas pelas personagens do universo ficcional das histórias também funcionam como válvula de escape para o homem que, pelo processo de identificação, satisfaz suas necessidades básicas de sonho e fantasia (Maia, 1992, p. 12). Ainda hoje, essa forma simples expressão literária continua encantando crianças e jovens. Entre seus modelos mais significativos, estão os contos de diferentes regiões ou países e os contos de fadas.

Os contos populares brasileiros incluem narrativas pertencentes ao folclore do país que, em grande parte, se revelam como histórias próprias para crianças. Muitos desses contos, transmitidos pela tradição oral nas várias regiões do Brasil, são variantes

de relatos trazidos pelos povos que compõem a etnia brasileira. Entre eles, aparecem versões de contos de fadas tradicionais, como “O Chapeuzinho Vermelho” e “Pequeno Polegar”; de fábulas antigas, como “O gato e a raposa”; de cantos divulgados na Europa durante a Idade Média, como “Uma lição do Rei Salomão”, e de relatos oriundos da Índia, como “Os quatro ladrões”.

### **Contos de fadas tradicionais**

Os contos de fadas, como modelos de histórias para crianças surgem na França no final do século XVII quando Charles Perrault publica a obra *Os contos da mãe cansa*. Nela ele reúne os contos populares que circulam em seu país naquela época. Posteriormente, os irmãos Grimm, na Alemanha, no século XIX lançam a obra *Contos de fadas para crianças e adultos*, uma coletânea de narrativas pertencentes ao folclore alemão. Ainda no século XIX, na Dinamarca Hans Christian Anderson (1990) publica contos recolhidos do folclore de seu país como “A princesa e o grão de ervilha” e outro de sua própria criação, como “O Patinho Feio”. O material reunido por esses autores forma o acervo dos cantos de fadas que provoca o imaginário de crianças e adultos.

### **Narrativas curtas**

As histórias curtas abrangem obras em que se observa, na sua forma de representação, uma relação estreita entre a imagem e o texto escrito. São indicadas a pré-leitores, a crianças recém-alfabetizadas e àquelas com pouca experiência de leitura.

As obras apresentam narrativas com enredos simples, que revelam episódios do mundo infantil ocorridos em curto período de tempo, em espaço único e com poucos personagens, tendo como temas passeios, visitas, brincadeiras, encontros com amigos ou com animais. As ilustrações ocupam quase toda a página e auxiliam a criança a identificar, na narrativa, as características externas das personagens ou os espaços onde ocorrem as cenas. A linguagem é simples, sem muitos elos frasais. A história constroi-se, quase sempre, através de diálogos, e apresenta pouca narração.

### **Narrativas por imagens**

A partir de década de 70, surgem no Brasil várias publicações de livros sem enunciado verbal. Neles, as narrativas são apresentadas unicamente por imagens visuais,

e o leitor vai construindo episódios ou pequenos relatos a partir das ilustrações, de acordo com sua fantasia e experiência de vida.

Nessas obras, as situações expressas nas gravuras têm estreita relação com o cotidiano infantil. Algumas dessas narrativas apresentam cenas isoladas, como “Ai que fome”, do livro *Todo dia*, de Eva Furnari (1984), em que a ilustração mostra uma cozinha e a sala de jantar. A cena pode levar o leitor a imaginar situações sobre o que ele observa no texto.

### **A narrativa oral no contexto escolar**

Grande parte dos alunos sabe que a expressão “Era uma vez...”, “Há muitos anos...”, “Certo dia...” inicia uma história infantil, um conto. Eles já ficam à espera dos seres fantásticos – como fadas, bruxas, príncipes, animais que falam, monstros etc. – sabem que haverá o rico e o pobre, o bem e o mal, o personagem bom e o mau, e que a história se desenvolverá até o final feliz. Esse conhecimento permite que eles compreendam um conto e o reconhecer a ponto de não confundi-lo, por exemplo, com uma notícia. É importante que, além dos contos, eles tenham acesso a textos de outros gêneros literários em sala de aula. O prazer que as histórias provocam o tom afetivo que envolve a situação de leitor, o sentido dessas leituras, à emoção que elas provocam, o bem-estar vivenciado no momento da leitura, tudo isso pode motivar o aprendizado.

Ouvir histórias é viver o momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa). (ABRAMOVICH, 2004, p. 24)

É importante que mesmo antes de aprender a ler, as crianças sejam incentivadas a entrar em contato com as histórias infantis. Ao ver o professor lendo, ao observar as rimas (num poema ou numa música) às aliterações, as parlendas os pequenos começam a se interessar, a se encantar pelo mundo das palavras, uma vez que aprender a ler é mais fácil do que aprender a escrever e ouvindo contos é o primeiro

passo para se adquirir a leitura convencional. Este é o primeiro passo para se tornarem leitores literários percurso que vai se estender até o fim do Ensino Fundamental.

Ler uma história não significa contar uma história. A leitura se apoia no livro, no texto verbal. A contação se apoia na memória do contador. Neste momento, há a oportunidade do contato pelo olhar e, além do mais, contar também é uma forma de interagir, de tocar, de dar atenção.

Nos primeiros anos de escolaridade tanto a contação quanto a leitura são importantes, exige um trabalho prévio do texto que vai ser lido, pois, ao fazê-lo, o professor identifica a pontuação usada pelo autor e os efeitos pretendidos por ele, reconhece as palavras de dicção mais difícil, familiarizando-se com o melhor modo de pronunciá-las.

A leitura e/ou contação de histórias é um modo de exercitar a atenção, a memória e o pensamento, requisitos necessários para a efetiva aprendizagem. Nesse sentido, essa é uma forma de alfabetizar/letrar através da audição de histórias, de gêneros diversos, para que as estruturas da norma da língua escrita, possam ir se fixando na memória, e, posteriormente, o pequeno leitor seja capaz de ler por prazer, tenha satisfação em viajar pelo mundo encantado da fantasia, contidos no enredo das narrativas.

Se nos basearmos unicamente em nossa memória, contando histórias que ouvimos na infância ou que ouvimos de outros contadores, a contação será muito próxima da oralidade, o vocabulário será aquele que usamos diariamente.

Por outro lado, se nós buscarmos no texto escrito, o vocabulário que o ouvinte recebe durante a narrativa oral e que possa a fazer parte do seu acervo pessoal irá se expandindo e, quanto maior o vocabulário, melhor a compreensão dos textos. É também uma forma de aproximá-lo da cultura letrada, permitindo-lhe a inserção em diversas práticas de leituras e escritas que circulam na sociedade.

Para contar histórias com vistas à formação de leitores, é vital que o texto narrado faça eco no íntimo do ouvinte, despertando nele o interesse em ouvir atentamente para reproduzi-lo depois. Para isso é importante que o professor, além de escolher uma boa história, adequada a faixa etária dos alunos, reconheça os detalhes importantes, as partes que a formam, o texto, para não repeti-lo mecanicamente. É necessário envolver-se, apaixonar-se pela história e conta-la com prazer, entusiasmo, conforme afirma Bussato (2008, p.47), “se quisermos que a narrativa atinja toda a sua potencialidade devemos, sim, narrar com o coração, o que implica em estar

internamente disponível para isso, doando o que temos de mais genuíno, e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade”.

Ao contar uma história, devemos doar nosso afeto, a nossa experiência de vida, abrimos o peito e compactuamos com o que o conto quer dizer. Por isso torna-se fundamental que haja uma identificação entre o narrador professor e o conto narrado. Enquanto conta, o olhar precisa se distribuir pelo público, estabelecendo uma ligação entre contador e ouvinte, para que este sinta que a história está sendo contada para ele.

A pausa é uma arte, e deve ser cultivada com carinho, pois sem uso adequado enriquece a contação. Pelo contrário, a pausa exagerada ou em momentos inadequados “rouba” os atrativos do texto, tornando-o enfadonho.

Ritmos diferentes durante a contação também a enriquecem. Em momentos de conflito pode-se acelerar o ritmo da fala, transportando o ouvinte para “dentro” da história, fazendo-o participante daquela situação.

A voz deve ser modulada para tornar a narração mais atraente, fazendo as vozes dos personagens, sem encená-los como faz um ator. É preciso sentir-se capaz de cativar o ouvinte com a magia da palavra pronunciada, de enfeitiçá-lo com a modulação da voz, para que ele, encantado pelas imagens sugeridas pelo texto, atue como cocriador, fazendo ligação entre o texto ouvido e outros já conhecidos por ele; entre sua própria experiência de vida e a experiência vivida pelos personagens, sendo capaz de criá-los mentalmente bem como aos cenários, envolvendo-se no texto e, dessa forma, participando do ato de leitura.

A imaginação é nossa característica mais rica e só o ser humano a tem. Na leitura literária, é ela que integra com a ficção presente no texto, que preenche as lacunas apresentadas por ele, que formula hipóteses sobre a leitura, que dá corpo aos personagens. E, ao mesmo tempo, as narrativas alimentam essa imaginação.

Portanto, é através da contação de histórias que as narrativas pode fazer parte do cotidiano da escola de forma natural e simples: pode-se ter na sala de aula o “cantinho do conto”; na biblioteca, um lugar com um tapete e almofadas; ou ainda, o professor usar uma caixa decorada, bonita, na qual esconderá o livro que será a surpresa daquele dia. Pode também dirigir-se ao pátio, sob as árvores, e ali criar um clima de encantamento para a narração da história. Pode simplesmente virar-se para a turma e com voz diferente da habitual, mais solene, iniciar a narrativa. O momento da contação é um momento mágico. E isso deve ficar claro para o aluno. Algo vai acontecer agora. Uma história vai ser narrada. Um segredo vai ser revelado.

## **Resultados**

### **1ª ETAPA**

O Projeto surgiu no 1º semestre de 2012, a partir da necessidade de incentivar o prazer e o hábito da leitura de narrativas de forma lúdica e espontânea. Nos propomos a elaborar um planejamento sistemático, dinâmico e diversificado, com estratégias e recursos pedagógicos capazes de envolver os alunos nas diversas atividades propostas.

Inicialmente, nos organizamos em círculo para a apresentação do livro “A casa sonolenta”, chamando a atenção para a ilustração da capa, propondo possíveis relações entre a ilustração e o título da história; convidando as crianças a localizar o título. A finalidade não era que as crianças dessem a resposta certa, mas que relacionassem as pistas oferecidas com seus conhecimentos anteriores. Para isto, perguntamos: Quem são essas pessoas? O que elas estão fazendo? Onde elas estão? Será que está escrito no título os nomes desses personagens que estão dormindo? Logo após, lemos o título.

Antes de iniciarmos a leitura do texto, convidamos as crianças a observar as ilustrações internas do livro, mostrando-lhes apenas as primeiras páginas, ajudando-as a pensar sobre o assunto da história a partir das ilustrações que estão observando. Solicitamos a atenção para os diferentes personagens e suas ações, lançamos uma pergunta que poderia ajudar a acompanhar a leitura: “Parece que nessa casa todos estão dormindo... Será que vão continuar assim até o fim da história?” Onde se situa a casa? Que momento do dia é representado? A casa parece nos convidar a uma visita?

Na sequência, realizamos a leitura da história e, no fim, convidamos as crianças para falar sobre a narrativa, destacando as partes que mais gostaram. Posteriormente, sugerimos que fizessem uma produção de texto não verbal relacionada com as partes que acharam mais interessantes. Orientamos que elas precisavam caprichar, porque íamos expor as produções no mural e que todos da escola iam apreciar.

Quando os trabalhos estavam prontos, convidamos as crianças para realizar a pintura da Casa Sonolenta. Foi uma vibração! Eles ficaram bastante felizes e, rapidamente, se organizaram em círculo aguardando a casa, os pinceis e as tintas. Nesse

momento, as crianças vivenciaram intensamente o prazer e a arte de pintar espontaneamente.

## **2ª ETAPA**

Começamos a aula, relendo a história “A casa sonolenta” com as crianças, despertando a atenção para as ilustrações e sua relação com o texto. Explicamos que, em alguns momentos, iríamos interromper a leitura para conversar sobre a história e a ilustração. Selecionamos algumas páginas e convidamos as crianças a observar as ilustrações, estimulando os comentários entre elas, a observação de detalhes que poderiam passar despercebidos. Para ajudá-las a pensar sobre os detalhes de uma determinada ilustração, uma das professoras falou: “você repararam que nas primeiras páginas o ilustrador usou vários tons de azul e deixou as cores mais fraquinhas, e nas finais está mais colorido e com cores fortes”? Por que será que ele fez isso?

Com a finalidade de antecipar parte da história, incentivamos as crianças a usar as ilustrações como apoio para antecipar o texto e tê-lo de memória. Por exemplo, toda vez que um personagem vai se deitar, ele aparece na página anterior se mexendo, como se estivesse acordado. Desse modo, é possível antecipar o que estará escrito na página seguinte. Ao longo da leitura, pensar sobre qual será o próximo personagem que vai se deitar na cama: “Vocês observaram que nessa página o menino parece estar acordado e na página seguinte ele aparece deitado em cima da avó? E nessa página que o cachorro está bocejando, quem vocês acham que vai ser o próximo a se deitar”?

Após a leitura, fizemos uma lista com os nomes dos personagens, incentivando as crianças a pensar sobre a escrita. Elas participaram ativamente da listagem.

Organizamos as crianças em grupos, distribuimos as letras do alfabeto móvel e sugerimos que montassem os nomes dos personagens, usando as letras. Foi um desafio importante, que exigiu um processo metalinguístico por meio de uma atividade lúdica.

Posteriormente, convidamos as crianças para confeccionar a dobradura da “casa sonolenta”, desenhar as janelas e escrever os nomes de alguns personagens. Lembramos que poderiam escolher os personagens que mais gostaram na história.

## **3ª ETAPA**

Para continuar motivando as crianças, fizemos a releitura da história, utilizando os personagens confeccionados manualmente com materiais diversificados. Nesse momento, a interação das crianças com os personagens foi bastante significativa, pois elas puderam manusear e brincar com todos eles ao redor da casa.

Conversamos com as crianças sobre a ordem em que os personagens vão deitar na cama para dormir. Distribuímos uma atividade e sugerimos que desenhassem os personagens de acordo com a sequência da narrativa. Para ajudar as crianças ressaltamos: “Vocês vão ordenar os personagens dessa história lembrando a ordem em que eles aparecem pela primeira vez no texto”.

Na sequência, exploramos um pouco a consciência fonológica dando ênfase as palavras que rimam. Logo após, apresentamos um cartaz com diversas palavras para as crianças identificarem palavras que rimam. O trabalho oral feito antes da apresentação do cartaz foi fundamental para que as crianças tivessem êxito nesta atividade de leitura.

Para consolidar ainda mais o enredo da história, resolvemos produzir um texto coletivo com base na história. As crianças expressaram suas ideias de forma coerente, com autonomia e desenvoltura. Por fim, solicitamos que cada uma identificasse no texto nomes de personagens para circular com lápis colorido.

#### **4ª ETAPA**

Iniciamos a aula questionando as crianças se alguém gostaria de contar a história “A casa sonolenta”, para os colegas. Imediatamente algumas crianças demonstraram interesse e contaram observando, atentamente as ilustrações. Elas se sentiram orgulhosas realizando a leitura da história preferida por toda a turma.

Em seguida, retomamos a discussão sobre os personagens, relacionando as suas ações. Escrevemos na lousa os nomes dos personagens e o que ele faz na história, organizando as frases tal como está escrito no livro, por exemplo: UMA AVÓ RONCANDO. Ao terminar a escrita, lemos a frase indicando as palavras. Quando surgiram dúvidas, recorremos às ilustrações do livro.

Posteriormente, organizamos as crianças em duplas, distribuímos tiras de papel, em número suficiente para cada grupo, com a quantidade e a ação dos personagens escritas em letra de imprensa maiúscula. Orientamos que elas precisavam



lembrar quais os personagens da história e as suas ações apareceram primeiro na história para depois encontrar a tira correspondente. Algumas duplas, concluíram a atividade sem apresentar nenhuma dificuldade e, logo, foram orientar alguns colegas que ainda não conseguiam ler convencionalmente. Quando as duplas terminaram a atividade, fizeram a leitura das frases. A principal pista para organizar as frases foi a autonomia que as crianças já haviam adquirido acerca dos nomes dos personagens.

## **5ª ETAPA**

Nesta etapa final do Projeto, fizemos a releitura da história, nos apoiando no texto para que as crianças pudessem dramatizá-la. O entusiasmo foi grande, cada criança queria representar um personagem. Para que todos participassem, tivemos que relê a história, de modo que todos se envolveram na dramatização.

Logo após, promovemos uma conversa informal e solicitamos que as crianças imaginassem um final diferente para a história. Elas expressaram seus pensamentos e, em seguida, produziram um texto não verbal, registraram com frases curtas. Quando terminaram seus registros, cada um socializou sua ideia, para que pudéssemos reescrever.

Na sequência, organizamos uma atividade em grupos na qual as crianças foram incentivadas a ler conosco a história e localizar no texto o nome de alguns personagens. Enquanto algumas crianças estavam localizando palavras nos textos, outras foram incentivadas a brincar com alguns jogos. Começamos a leitura da história solicitando que leiam conosco as partes que já conhecem de memória. Paramos na página em que a AVÓ é apresentada, lemos todo o parágrafo e interrogamos onde está escrito o nome do personagem: “E então, onde você acha que está escrito AVÓ? Quem quer me mostrar”?

Finalmente, preparamos um cenário atrativo para que as crianças pudessem ler outras narrativas. Elas demonstraram entusiasmo e interesse pelas histórias e essa prática passou a fazer parte do nosso fazer pedagógico, pois acreditamos na relevância das narrativas para a formação de leitores.

## **Considerações Finais**

As narrativas constituem um excelente instrumento pedagógico para ampliar o universo cultural dos alunos e incentivar o prazer e o hábito pela leitura. É através da relação lúdica e prazerosa da criança com as histórias, que o sonho, a fantasia e a imaginação se misturam numa realidade única, pois o universo da criança é constituído de fadas, de monstros, de seres mágicos e encantados, que as levam a compreensão do seu mundo. As histórias favorecem a formação da personalidade, proporciona a solução de conflitos internos, encantam, emocionam e diverte a criança em, todos os seus aspectos.

Nesse sentido, torna-se necessário que a escola proporcione um espaço lúdico para o trabalho com as narrativas infantis, desvincilhando-se da didatização, dos aspectos conteudísticos; com vistas ao incentivo da leitura, transformando a hora da história o momento de maior prazer das crianças na sala de aula.

Portanto, a realização desse trabalho corroborou a relevância do gênero narrativa como recurso facilitador da aprendizagem, da leitura e da escrita no âmbito escolar, pois no decorrer das atividades, percebemos que as crianças tem um olhar diferente para a leitura de histórias, expressando prazer, alegria, fantasia, sensibilidade e encantamento pelo enredo.

### **Referências Bibliográficas**

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.

Caderno de estudos: **Trilhas para ler e escrever textos**. São Paulo: Ministério da Educação, 2011.

CLEO, Bussato. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 5ª. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GREGORM, Filho; JOSÉ, Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

SARAIVA Juracy Assmann. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Coelho Maria Betty. **Contar Histórias. Uma arte sem idade.** 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2003.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** Chapecó: SC: Argas, 2009.

# ANEXOS







PERSONAGENS

VOVÓ  
MENINO  
CACHORRO  
GATO  
RATO  
PULGA



casa	rato	pulga	cama
vovó	patô	cama	lama
asa	leite	fuga	toca
menino	rato	pica	lenta
carro	zorro		dormindo
vó	cof		barulhenta



